

13. Deutscher Lusitanistentag

Räume, Grenzen und Übergänge in der portugiesischsprachigen Welt
Augsburg, 11. bis 14. September 2019

Chamada para trabalhos – Call for papers

Seção: Epopeia, narrativa épica e modernidade. Espaços, limites e transgressões de um gênero clássico em renovação

Coordenação: Prof. Dr. Regina Zilberman (UFRGS), Prof. Dr. Roger Friedlein (RU Bochum), Dr. Marcos Machado Nunes (RU Bochum)

A partir da modernidade literária inaugurada com as estéticas da originalidade próprias do Romantismo, a poesia épica passa a ocupar uma posição contraditória, em que a crítica à normatividade que caracterizava o gênero convive com o alto grau de canonicidade a ele atribuído pelas literaturas nacionais em ascensão. Conservando o sentido básico de narrativa sobre feitos heroicos relevantes para uma coletividade, a épica sobreviverá transformada ou dissociada do verso: a partir de Ossian e Chateaubriand, temos a incorporação de novas e radicais possibilidades formais que redesenham os limites do gênero, abrindo-o para o uso da prosa. Com essa abertura, o romance histórico se apresenta como sucessor (ou substituto) do poema épico, sobretudo na medida em que a ação heroica que esse representa está, na sua forma mais tradicional, associada a uma dimensão do maravilhoso pouco convincente para o leitor do século XIX.

No Brasil, esse será o momento para a ascensão de José de Alencar, que, após condenar Gonçalves de Magalhães por não obedecer as normas do gênero, renova-o por meio da publicação de romances históricos, visando abranger o Brasil na sua totalidade geográfica e diversidade cultural. Nas obras de Magalhães e Alencar, encontram-se dois modelos de relato fundacional, em que a representação do momento da origem da coletividade nacional tem evidente apelo identitário, confirmando o estatuto do texto épico como, em última instância, uma reflexão sobre o presente. Do outro lado do Atlântico, Almeida Garrett busca a renovação formal do poema épico para propor uma representação da figura de Camões que corresponde, em grande medida, a uma mobilização identitária correlata à dos brasileiros.

Seguindo a tradição épica, a busca do momento de fundação ou inflexão relevante da história da coletividade nacional é complementada por intermédio do esforço de representar a totalidade da experiência histórica e geográfica da coletividade, na composição de amplos painéis e catálogos descritivos. À medida que o século XIX avança, amplia-se o horizonte dessa totalidade: ao lado de textos em que o âmbito nacional se inscreve de maneira ambígua em narrativas universalistas (como o *Colombo*, de Araújo Porto-Alegre, o *Guesa*, de Sousândrade ou *A morte de Dom João*, de Junqueira) introduzem-se, na virada do século, as assim chamadas “epopeias da humanidade” de Teófilo Braga ou Gomes Leal.

Com o Modernismo, o paradigma nacional volta a ser retomado, ainda que fosse de se esperar o encerramento definitivo das tentativas totalizadoras. Contudo, empreendimentos como o panorama transgeracional *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo, ou o intento de totalização alegórica em *Macunaíma*, de Mário de

Andrade, apresentam evidentes pontos de conexão com a tradição épica. Em Portugal, Fernando Pessoa, em *Mensagem*, e depois Gonçalo M. Tavares, em *Viagem à Índia*, releem a história da épica portuguesa e o tema da travessia (palavra-chave de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa), questão que reaparece em *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima, viagem às origens da criação poética. O romance histórico, herdeiro da épica renascentista, renasce sob a forma da metaficção historiográfica, materializada em *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, *As naus*, de Lobo Antunes, e *Equador*, de Miguel Sousa Tavares.

Tendo como pano de fundo esse panorama fértil e mutável, a seção propõe, além de buscar evidenciar as transformações por que passou a épica enquanto discurso totalizador em verso ou em prosa, examinar como se verificam as apropriações e transposições de fronteiras entre os gêneros literários, qual é o diálogo em termos de afirmação ou contraposição que se estabelecem entre as produções literárias realizadas, como se dão os deslocamentos de tempo e de geografias no contexto das literaturas lusófonas.

Solicita-se o envio de resumos para propostas de comunicação às coordenadores da secção até dia 31/05/2019.

Prof. Dr. Regina Zilberman (regina.zilberman@gmail.com), Prof. Dr. Roger Friedlein (roger.friedlein@rub.de), Dr. Marcos Machado Nunes (marcos.machadonunes@rub.de)